

# IRONIA, SÁTIRA E SECULARIZAÇÃO NO *MEMORIAL DO CONVENTO* DE JOSÉ SARAMAGO

Pedro Fonseca\*

**O** *Memorial do Convento* (1982) de José Saramago faz uma decisiva revisão da influência tradicional da Igreja Católica na história portuguesa através de um discurso crítico fundamentado na visão secularizadora. Estabelecendo o seu enredo durante o período de perseguição da chamada Santa Inquisição, o romance desestrutura a fachada institucional do catolicismo oficial sustentado por uma relação de aparente harmonia com a sociedade. Através de um cuidadoso exame das censuráveis arbitrariedades da Inquisição, da corrupção da Igreja e das idiossincrasias do fervor religioso, Saramago apresenta uma análise crítica que, gradualizada entre a ironia e a sátira, torna-se numa vociferante denúncia da sociedade portuguesa referida não só tradicionalmente mas ainda em relação com a contemporaneidade.

Numa recente entrevista, (Vasconcelos, 1991, p.10) o autor reconhece que se tem sempre verificado um especial relacionamento entre a comunidade portuguesa e o catolicismo, e que é precisamente esta interação - baseada em tensões, conflitos e contradições - que funciona como fundamento da dramática batalha verificada entre os baluartes da secularização e os "piedosos" defensores da Santa Madre Igreja. Transferindo-se para o domínio do ficcional - sem

\* University of Missouri - Columbia - U.S.A

se descomprometer, entretanto, com os termos de uma reavaliação histórica -, o autor-narrador ironicamente lamenta o sucesso de uma intratável conspiração que envolve o rei, os processos da Inquisição e representativas figuras da vida eclesiástica. O que ironicamente agrupa estes elementos é a sua capacidade de ignorar os verdadeiros problemas da sociedade portuguesa da época, na medida em que se preocupam com lúbricos projetos que visam arquitetar uma conspícua ideologia. Portanto, a construção do convento representa uma falida consolidação da Igreja e do Estado, com o subsequente triunfo do fanatismo religioso, da ignorância e maiormente da corrupção. Opostamente, a “passarola”-prototípico projeto do objeto voador - representa a tendente natureza tropológica da história, na medida em que tal acontecimento passa-se à literatura como motivo de idéias a serem figurativamente interpretadas. Assim é que idealizadores do arrojado invento - Baltazar, Blimunda e Padre Bartolomeu - enformam, metaforicamente, os princípios renovadores contrapostos, com incipiente sucesso, à arcaica mentalidade de raízes medievais da época representada pela teocracia política e religiosa, cujo instrumento de controle sócio-moral fora a instituição da Inquisição.

Estabelecida em Portugal durante o reinado de D. João III, esse mecanismo ideológico orientava a sua pragmática à desapropriação material dos conversos, apesar do seu processo tribunalístico e penalizador caracterizar-se altamente formalizado, representando-se por um ritual verbal com aparente finalidade mística. Reanalizada modernamente, a Inquisição (Foucault 1979, p.34) demonstrou ser uma representação do poder como discurso da classe dominante, uma vez que, sendo mais do que um simples meio de condenar praticamente pessoas à morte, era sobretudo uma demonstração elaborada da sujeição praticada com base numa retórica de detalhadas instruções. O discurso recitativo do Auto da Fé era, neste sentido, o momento primordial da justiça inquisitorial, com as suas procissões, a leitura de sentenças e, finalmente, a incineração das vítimas. Saramago (1982, p. 49) descreve sarcasticamente, com uma morbidez testemunhal, a compassada condição penitente do indivíduo em face do processo penalizador:

Apesar de já ir no quinto mês, ainda sofre de enjões naturais, que, no entanto, não bastariam a desviar-lhe devoção e os sentidos de vista, ouvido e cheiro da solene cerimônia, tão levantadeira das almas, acto tão de fé, a procissão compassada, a descansada leitura das sentenças, as descaídas figuras dos condenados, as lastimosas vozes, o cheiro da carne estalando quando lhe chegam as labaredas e vai pingando para as brasas a pouca gordura que sobejou dos cárceres.

O autor - satirizando o contrato estabelecido entre o Estado e a Igreja *vis-à-vis* a atuação do tribunal inquisitorial -, ao mesmo tempo que apresenta a inexorável expropriação dos bens expropriados do sentenciado, desmascara também a estratégia ideológica correspondente a esta espoliação: a fazenda real aumentaria as suas posses e a religião oficial fortalecer-se-ia no seu domínio psicológico sobre a sociedade. A transação deste negócio (Saramago, p.51), sacramentada com os restos mortais da vítima, seria posteriormente documentada nas adornadas câmaras do palácio real.

Descompondo o rígido estatuto deste cenário, superpõe-se - com ousada dose de irreverência para a época - a figura contravençional do Padre Bartolomeu que funciona como êmulo personalizador da acusação à perseguição injusta. A natureza contraditória das razões inquisitoriais é exemplificada pela reação das autoridades à "passarola" de Bartolomeu. Inicialmente, esta ousada invenção recebe a sanção do Santo Ofício, mas eventualmente torna-se suspeita como artimanha satânica, acusada como um projeto maquiavélico que intencionava desviar as almas piedosas do seu caminho de submissa crença na exclusividade do poder da religião em canonizar a excepcionalidade dos acontecimentos e das descobertas humanas. A noção de que a mera suspeita era razão suficiente para a taxaço herética, levando-se à condenação, pervarde várias passagens-chave para o entendimento desta problemática do *Memorial do Convento*. Particularmente exemplificadora desta situação - dada a natureza sagrada do assunto - é a cena que detalha a procissão das imagens dos santos ao convento, onde São Dominico e Santo Inácio não escapam isentos da conspiração, sendo desgraciosamente referidos numa linguagem de estilo severo e demolidor. Aqui, Saramago (p. 320) - na sua usual maneira de autor - comentador - sardonicamente dá o seu remate crítico: "É evidente, para quem conheça estas políticas, que S. Francisco [piedoso padroeiro monacal] vai sob suspeita." Esta técnica de enfatizar um conflito que naturalmente deveria inexistir - dadas as condições éticas que a situação deveria por princípio preservar - torna-se extremamente efetiva como estratégia retórica utilizada para denegar os objetivos básicos da ideologia inquisitorial. Se, mesmo um ícone patrístico, como São Francisco, pode ser suspeito de heresia, então, a princípio, ninguém escapa dessa infernal política persecutória. Como resultado, tem-se a impressão de que o século dezoito português apresenta-se afundado num absurdo domínio religioso, rendendo, praticamente sem saída, a razão e o bom senso a um estado de absoluto mutismo e inação. Este pensamento torna-se presente no tempo do narrado quando Bartolomeu comenta sobre o discricionarismo onipotente da Inquisição que não se justifica em razão das medidas que toma:

[B] em sabem que, querendo o Santo Ofício, são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polí para fazê-las nascer do nada à discricção...(p. 192).

A passagem claramente delata as arbitrariedades do Santo Ofício relacionadas à ausência da piedade para com as vítimas e o repúdio à compaixão humana, preconizadas bases virtuais do que se propusera ser o humanismo cristão, abalado pseudo-teoricamente como conquista máxima da religião remodelada a partir da renovação da mentalidade iniciada com o Renascimento.

Referindo-se ao ramo de oliveira e à espada - usados, de acordo com a original proposta emblemática da Inquisição, como símbolos da defesa da paz purificadora pós-diluviana e cruzadística - Saramago (p.189) inverte satiricamente esta simbologia notando que tais instrumentos significam agora, acima de tudo, a mutilação e o alimento para as piras humanas. Repetidas alusões deste teor à cruel natureza das perseguições inquisitoriais subtraem, irreversivelmente, a sua credibilidade e retratam a Igreja como denegadora dos ensinamentos da doutrina cristã.

A denegação da Igreja e das suas instituições moralmente falidas constitui o aspecto fundamental do tema da secularização no *Memorial do Convento*. Saramago reduz a decisão em construir esta casa religiosa de Mafra ao nível de uma simples transação pecuniária destinada a materialmente recompensar ambos o rei e os frades franciscanos. De sua parte, D. João VI seria abençoado, por intervenção divina, tendo como recompensa um herdeiro para o trono; enquanto os frades, por seu turno, seriam providos com o convento de Mafra, o qual lhes proporcionaria uma esplêndida morada com vista para o mar e plenitude de água para irrigação. Portanto, ultimadamente é o sentido de beneficiação material que subjaz à dignidade da intenção. As verdadeiras motivações dos franciscanos na empresa conventual, Saramago as desmascara, revelando o usuário sentido de competição da Ordem Franciscana com a sua rival:

Ficará neste alto a que chamam de Vela, daqui se vê o mar, correm águas abundantes e dulcíssimas para o futuro pomar e horta, que hão-de os franciscanos de cá ser de menos que os cistercenses de Alcobaça em primores de cultivo, a S. Francisco de Assis lhe bastaria um ermo, mas esse era santo e está morto (p.86).

Saramago ironicamente desenvolve a premissa de que os franciscanos são meros empresários do roubo, uma vez que o objetivo primordial do convento era o enriquecimento da Igreja a ser promovido pelo aumento do numerário obtido com maior número de ritos sacramentais, tais como, o batismo, o casamento e as unções funerárias - verdadeiras comodidades a serem leiloadas com o mais alto lance dos fiéis. Relacionada a esta estrutura de especulação e de excessiva centralização religiosa e política do poder - cujos mecanismos revertem os valores espirituais em função do domínio de posses temporais -, a denúncia do *Memorial do Convento* está explícita nas descrições do ostentativo esplendor e riqueza da Igreja. Esta verdadeira ditadura cultural (Silva, 1989, p.73) prolifera monstruosas criações - como o convento - cuja exsurgência opulenta forma uma aberrante situação contrastiva com a pobre realidade comezinha da população. E tal discrepância, maiormente, é o testemunho da própria visão secular da Igreja que se acoita no colo da luxúria, enquanto a maioria da sociedade vive no limiar ou mesmo adentrada na fome e na miséria.

Sublinhando o tema da corrupção, Saramago acentua os traços retratantes de uma Igreja coniventemente acedida às várias indiscrições morais que marcam a sua decadência. Na verdade, a hipocrisia e a imoralidade do clero graduam os seus representantes como mestres da sedução inveterada e como agentes de sofisticadas perversões.

No princípio do romance, o narrador já esboça as linhas gerais dessa problemática, ironicamente defendendo que os frades, reclusos em remotos mosteiros, naturalmente possuem as mesmas solicitações da libido, tais quais desejadas pelo resto dos homens. Entretanto - e ainda ironicamente -, esclarece que as peculiaridades da condição da vida conventual forçam os religiosos a elaborar secretos métodos para satisfazerem os seus desejos, cuja normalidade, no caso, é um dado teórico cuja prática deve ser eliminada do conhecimento público (Silva, p.52). Tipos de mecanismos de controle estratégico ético-social como este (Chantal, [s.d.], p.150) parecem ter orientado a relação existente entre a Igreja e os pobres da sociedade. Por favorecer o ingresso numa decente carreira, especialmente atrativa aos desprovidos material e intelectualmente, a Igreja viu-se confrontada com a espontaneidade dos apetites normais da carne que constituem a predisposição natural do homem comum do povo a ser iniciado na vida clerical, tendo, por isto mesmo, que recusar grande número de interessados, selecionar os mais aptos às sutilezas do seu mecanismo de dissimulação.

Talvez, em nenhuma outra passagem do *Memorial do Convento* tenha o autor se superado como na seguinte descrição que ingeniosamente irreverente faz do ridículo e bufão expediente utilizado pelos frades para as suas aventuras sexuais: "[E]m cestos içam os franciscanos de Xabregas mulheres para dentro

das celas e com elas se gozam”(p. 84). O jogo entre desejo, imaginação e desengano sexual do clero atinge um clímax de tragédia fársica quando, para o final do romance, um frade é assassinado por Blimunda ao tentar estuprá-la num convento abandonado. Este incidente - exceção à regularidade dos sucessos da devassidão - é sintomático da tendenciosa relação de dominância e engano exercida pela Igreja. Ainda, a bem sucedida autodefesa de Blimunda é um sinal de reacionária libertação em correspondência análoga ao significado da “passarola” de Bartolomeu: uma intentada aventura a caminho da visão secular entendida como contraposição crítica à hegemonia autocrática da visão religiosa.

Saramago equilibra - utilizando-se das propriedades da retórica narrativa habilmente distribuídas entre o descrever e o narrar - a demonstração do desequilíbrio moral da sexualidade religiosa verificada desde as suas sub-repticalidades e insinuações até as suas abertas manifestações públicas. Em certa passagem, a exposição do escândalo atinge o conhecimento geral do povo, quando um padre da Igreja é perseguido, completamente nu, pelas ruas do povoado, abertamente denunciado por uma prostituta. Já em outra ocasião, o autor sardônica e desveladamente descreve a ambígua postura dos frades, subvertendo o significado dos adereços revestidores da religiosidade monacal. Aqui, a intrusão comentarial do autor desreveste os religiosos do seu hábito tradicional - assunto que, pela solenidade do evento, daria matéria para uma composição elevada - por meio de um trocadilho semântico, instalando o texto no perfeito domínio da paródia transgressora:

Vão de olhos baixos, chocalhando as camândulas, as do rosário que levam à cintura, as do troço que ocultamente dão a rezar às confidentes, e se algum cilício de crina lhes cinge os rins, ou de puas, em caso extravagante, podemos apostar que a eles os não cingem os rins ciliciosamente, isto se devendo ler com muita atenção para que não escape ao entendimento (p.274).

Assim é que - entre sugerir e expor desmascaradamente, entre a ironia e a sátira - o *Memorial do Convento* anatomiza a hipocrisia da (dis)simulação clerical em suas chocantes intenções com relação aos fiéis, componentes de uma sociedade supostamente a ser ensinada e educada dentro dos princípios da alta estima e respeito dedicados à Igreja.

Outra dimensão da instituição clerical anatemizada pela análise crítica de Saramago se refere à vocação feminina. O tratamento que o autor faz das irmãs religiosas não é menos severo que aquele dedicado aos padres da Igreja.

A sociologia da origem devocional das freiras (Silva, p.48) é determinada por razões que incluem as condições sócio-morais de sua procedência, sendo o convento em Portugal tradicionalmente caracterizado como a vida alternativa - nem sempre movida por uma consciência na adesão aos princípios da doutrina religiosa - para mulheres excluídas da sociedade, abandonadas, descaídas ou marginalizadas pela indignidade. Como resultado, o convento estigmatiza-se por princípio, desenvolvendo uma notória reputação com base na suspeita da irredimibilidade moral. Saramago (p.209) analisa esta causística genológica retratando a pregressa disposição à promiscuidade das monjas, os seus irreprimíveis impulsos libidinais, os expedientes das suas escapadas eróticas, tomadas pela fremeira dos desejos. O círculo da indecência e da corrupção completa-se quando - elevado ao escândalo político - o *Memorial do Convento* acusa o rei de entreter favores sexuais com as freiras, suspeito inclusive de paternalidade bastarda. Com este discurso demolidor da autoridade decadente e imprópria - justificando-se, por isto mesmo, duplamente na sua função carnalizadora -, Saramago sucede em marcar, brilhantemente paródico, a secular e irônica união do Estado com a Igreja. Aqui, o conteúdo crítico transcende à simples circunstancialidade demolidora da sátira, na medida em que recorda - revertendo em cínico misticismo - o mítico e ancestral princípio sacerdotal da figura régia, unindo secularização a paganismo, onde o tradicional princípio apolíneo da patriarcalidade judaica-cristã se manifesta como um símbolo muito nítido da erótica cultural do cristianismo:

[B]em sabeis como as monjas são esposas do Senhor, é uma verdade santa, pois a mim [i.e., o monarca] como a Senhor me recebem nas suas camas, e é por seu eu o Senhor que gozam e suspiram segurando na mão o rosário, carne mística, misturada, confundida, enquanto os santos no oratório apuram o ouvido às ardentes palavras que debaixo do sobreceú murmuram...(p. 93).

Entretanto, o processo da farsa satírica restabelece-se no texto, desenvolvendo-se num crescendo, quando a conivência da corrupção, para além do agente da sedução assediadora das reclusas, torna por elas mesmas não só consentida mas ainda reclamada ao nível factual do discurso, expressando as religiosas a sua clara intenção. Este é o caso do clamoroso e indignado protesto das monjas de Santa Mônica contra o decreto real proibindo visitas ao convento a quem não fosse da família ou parentes (p.319). No contexto paródico desta situação, nada resta apenas implicado, visto que a intriga envolve a participação ativa das transgressoras.

Finalmente, o processo da secularização atinge o seu pináculo crítico com a iconoclastia, quando a irreverência do discurso do *Memorial do Convento* tende a reverberar-se apocalipticamente anticatólico e reformista. Para tanto, Saramago amplia o conceito de licenciosidade sexual para incluir os santos panteonizados, sugerindo que mesmo eles portavam-se com um erotismo ao que parece nada mistificante. Numa provocante descrição da procissão dos santos, o narrador equivale santidade, graça e fervor religioso a posturas mascaradas, adornos de uma impressão que opera seus efeitos, acima de tudo, por sedução e passional apelo erotizador:

[E] depois Santa Clara e Santa Teresa, mulheres muito apaixonadas, que em fogo interior arderam, é o que se presume das suas ações e palavras, quanto mais presumiríamos se soubéssemos de que é feita a alma das santas (p. 319).

Interessante é notar nesta análise humoral de Saramago a perspicácia com que ele detecta a exploração patética da sensoriedade dramática presente na imagística religiosa - a sua componente barroquizante -, convenientemente estetizada sobretudo a partir da ideologia contra-reformista, a qual havia fanatizado a perseguição inquisitorial usando, ambivalentemente, em defesa do ascetismo devocional, a natureza sensitiva das emoções e das paixões humanas. Talvez seja esta a derivação de sentido mais intrínseco, profundo - e teórico-filosófico - que o tema da secularização em Saramago possa sugerir.

Apesar do controverso desempenho institucional da Inquisição e dos vários momentos de licenciosidade moral da Igreja, o catolicismo - devido a estratégias psicossociais embasantes dos seus princípios *vis-à-vis* a validade ético-filosófica da sua doutrina - tornou-se capaz de se manter historicamente como ideologia religiosa dominante. No caso português, Saramago - com fina percepção da psicologia antropológica da sua cultura - ensaia uma plausível explicação para esta dominância de poder, indicando que primariamente existe na sociedade portuguesa, como fato tradicional, duas disposições básicas e intimamente relacionadas: a pré-disposição para a aceitação da autoridade constituída e a decorrente e natural relutância para imediatamente aceitar idéias e inovações que obrigam a um radical reexame dos conservadores padrões e valores do seu *status quo* e da sua identidade coletiva. Saramago parece situar-se a meio caminho entre a rejeição categórica da existência de uma verdadeira índole religiosa característica da mentalidade portuguesa e a suposição de que tal povo representa sobretudo uma cultura cínica em termos de crença, cultura

esta, entretanto, mesmerizada pelo gosto da extravagância solene e do ritualismo cerimonioso. O autor, por vezes inclinado a esta segunda hipótese, nota que a sociedade portuguesa simplesmente - e com uma certa facilidade - habituara-se a proceder conforme o requerido pelos dominantes valores teocráticos. Neste caso, um conseqüente condicionamento se verifica, sinônimo de uma pantomima oca, mnemonia esvaziada de reflexão e de sentido, o que pode ser exemplificado na seguinte descrição da atitude da congregação religiosa assistindo à missa:

[S]e é certo que o hábito não faz o monge, faz sem dúvida a fé, ouvindo o assistente réu já sabe que foi dito céu, se eterno inferno, se isto Cristo, se Zeus Deus, e se mais nada se ouve, palavra ou eco, é porque acabou o sermão ou podemos debandar (p.231).

Na passagem ainda não são poupados, na crítica moral que Saramago lhe interpõe, comentários acerca das medidas tomadas pela administração conventual em relação à separação dos sexos em congregações distintas, argumentando o autor que tais cuidados preveniriam os religiosos de se entreterem em contactos erótico-sexuais durante os atos litúrgicos da Santa Missa. Aqui, no nível satírico, constata-se a presença da farsa cômica. Entretanto, no nível do carnavalesco paródico, a função desta troca de valores qualifica-se catarticamente como a força libertária e compensadora da satisfação erótica rompendo com a seriedade repressiva e teocrática da norma moral.

Ainda relacionado a este tema da alienação programada - politicamente exercitada pelo poder de controle ético-social da estrutura dominante -, Saramago analisa outras práticas religiosas envolvendo responsabilidades sagradas da Igreja em relação à sociedade dos fiéis. Uma delas refere-se à liturgia da Quaresma e da Eucaristia, a última celebrada pela procissão de Corpus Christi, cujo substrato cerimonial apresenta-se remanescentemente ligado à tradição medieval da dramaturgia do Auto de Mistério. O que torna característico, no contexto da noção de secularização exposta no *Memorial do Convento* é a apreciação das estratégias de efeito adotadas pela Igreja na organização de tais práticas religiosas, isto é, a exploração da sua riqueza, esplendor e organização como meio de impressionar o crente e conduzi-lo a um hipnótico delírio, a uma apreciada entrega e submissão à proteção do magnífico, vestimenta do poder. Saramago identifica esta problemática na aludida união política da Igreja com o Estado, ambos movidos por uma convivência de interesses comuns, reverenciando-se mutuamente na hipocrisia protocolar da

sua consciência de divisão do poder, entretanto unidos no seu objetivo comum de dominar os seus governados. O desconforto de tais manipulações torna-se claramente evidente na descrição da visita do Cardeal Nuno da Cunha ao palácio real:

[P]or duas vezes tira e põe o barrete, por duas vezes faz el-rei o mesmo com o seu chapéu, e à terceira dá quatro passos a recebê-lo enfim se cobrem ambos... louvado seja Deus que tem de aturar estas invenções (p. 85).

Ainda (Silva, p.49) característico do substrato psicossocial de comunidades governadas por este simbolismo cerimonial do poder instituído pela noção de direito institucional - como é o caso da concepção adquirida pela Igreja e pelo Estado monárquico da época descrita por Saramago - é o espaço aberto ao "consentimento" (válvula de escape condicional) que os mecanismos de cerimônias prescritivas favorecem à sociedade como meio de se libertar do decoro e se engajar (visando entretanto um posterior recondição normativo) em rituais que adquirem proporções quase, ou mesmo orgiásticas. Saramago (p.53) escreve sobre os rituais sadomasoquistas, essencialmente masculinos, e sobre a fácil sujeição à infidelidade carnal feminina, ambos desrespeitosamente incrédulos durante as festividades do carnaval. Tais festivais, inerentes à tradição cristã, (Bataille, 1957, p.130) retornam a sociedade à primordialidade arquetípica do primitivismo erótico dos tempos míticos, quando a funcionalidade vital erótico-tanatológica não tinha sido ainda estigmatizada pelo moral cívica.

A demolição final do *Memorial do Convento* em relação aos mecanismos de consciência religiosa é (Lourenço, 1991, p.77) o desmascaramento que o autor faz do uso da natural predisposição supersticiosa e mistificante das camadas sociais pela classe dominante como meio de manter o seu poder e os seus privilégios sociais. Neste sentido, a validade miraculosa dos poderes sobrenaturais dos santos é finalmente considerada numa sutil análise a desafiar a história sagrada da Igreja. Por outro lado - e no intento da análise psicossocial -, o *Memorial do Convento* critica a superstição derivada da prática religiosa popular como um meio de alienar - e paradoxalmente compensar - as classes sofridas em consequência das múltiplas privações sócio-culturais e materiais por que passam. Assim, a religiosidade torna-se um lenitivo que serve para travar o progresso secular. Saramago (p. 210) comicamente ilustra este processo com a descrição da reação popular à "passarola" do Padre Bartolomeu. A

acreditarem na possibilidade concreta da invenção, os camponeses atribuem o vício da estranha máquina à intervenção do Espírito Santo, enquanto a Igreja, por sua vez e por interessadas razões, considera o evento como artimanha demoníaca.

O *Memorial do Convento* - pela sua súpula crítica abrangente e detalhada - é um discurso revisionista das tendências teocráticas governantes da mentalidade portuguesa. Ao propor uma extensa e precisa lista das mais variadas litânias críticas, Saramago adota a visão secularizadora como a única ideologia capaz de refletir sobre os agravos resultantes da opressão religiosa. Apesar de classificado pela crítica historicista como ficção histórica - para além do seu valor de ensaio teórico como modalidade textual enfocando a dialética entre história e literatura -, o romance de Saramago constitui uma das mais incisivas mímesis do intrincado relacionamento da sociedade portuguesa com a Igreja da época.

## RESUMO

“Ironia, Sátira e Secularização no *Memorial do Convento* de José Saramago” examina os modos de representação discursiva de um dos mais controversos exemplares da novelística portuguesa contemporânea. Baseando-se principalmente na relação entre a estrutura irônica e a sua derivação como construção satírica, o ensaio visa a uma análise interpretativa da intenção paródico-revisionista do discurso romanesco, o qual apresenta uma abrangente e perspicaz análise crítica da clericalidade monástica. O confronto entre as variadas formas de atuação desta instituição - dentre as quais a virtuosidade inquisitorial - com a sua realidade social, política e cultural indica uma nítida direção da vida e da crença religiosa em dependência da sua contraparte profana e secular. Esta visão analítica do *Memorial do Convento* de José Saramago constitui um dos mais incisivos redimensionamentos críticos do consenso histórico tradicional do catolicismo *vis-à-vis* a sociedade portuguesa do século XVIII.

Palavras-chave: sátira, secularização, Igreja

## ABSTRACT

“Irony, Satire and Secularization in José Saramago’s *Memorial do Convento*” (1982) examines the means of discursive representation in one of the most controversial

and innovative writers of the contemporary novelistic scene in Portugal. Reflecting the existing relationship between the ironic mode and the satiric vein of the novel, this essay will investigate the parodic revision that the author's discourse weaves out of the complex reality of clerical and monastic life in XVIII century Portugal. An analysis of these religious institutions (to include the inquisitorial machine) "vis-à-vis" the social, political, and cultural reality of the period in question, leads us to a well-defined arena in which religious life and belief betray a marked secular influence. José Saramago's *Memorial do Convento* is one of the most incisively critical posturings of traditional catholic values and historical revisionism that have surfaced in recent Portuguese literature.

Key-words: satire, secularization, Church

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. *L'Erotisme*. Paris : Éditions de Minuit, 1957.
- CHANTAL, Suzanne. *A Vida Quotidiana de Portugal ao Tempo do Terramoto*. Lisboa : Edição Livros do Brasil, [s.d.]
- FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punishment*. New York : Vintage Books, 1979.
- LOURENÇO, António. História, Ficção e Ideologia. *Vértice* n.42, p. 69-78, set. 1991.
- SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. Lisboa : Editorial Caminho, 1982.
- SILVA, Teresa Cerdeira da. *José Saramago: Entre a História e a Ficção*. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1989.
- VASCONCELOS, José Carlos de. José Saramago : Deus e o Mau da Fita. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, v.10, n.487, p.8-10, nov. 1991.

## Bibliografia sobre Saramago

- CARVALHO, Mário. Blimunda ou a Paixão de Baltazar segundo Scarlatti. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, v.10, n.412, p.22-3, maio/jun. 1990.
- DUARTE, Lelia. Estão no meio daqueles que não cortem a udinha. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, v.22, n.1102, p.8-10, jul 1988.
- LIMA, Mirella. Notas sobre José Saramago e a sua máquina de fazer voar. *Estudos Portugueses e Africanos*. v.16, p.38-56, jul/dez. 1990.
- LOURENÇO, Eduardo. Memorial, Terrestre e Divino. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, v.10, n.412, p.24, maio/jun. 1990.
- MACNAB, Gregory. A Interface história-ficção em três romances de José Saramago. *Revista Letras*, n.38, p.134-5, 1989.

- PRETO-RODAS, Richard. A View of Eighteenth Century Portugal: José Saramago's *Memorial do Convento*. *World Literature Today*, n.61, p.27-31, Winter, 1987.
- REIS, Filipa dos. José Saramago e algumas tendências atuais do romance em Portugal. *Peregrinação*, n.12, p.4-8, abri./jun. 1986.
- SARAMAGO, José. Blimunda, nome com música. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, v.10, n.410, p.29, maio/1990.
- \_\_\_\_\_. Dossier de José Saramago. *Letras e Letras*, v.4, n.49, p.7-14, jun.1991.